

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA - INC
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

SIMONE PEREIRA CAVALCANTE

**PROCESSAMENTO, USOS E EFICÁCIA DE PLANTAS MEDICINAIS DOS
CURANDEIROS KOKAMA NA COMUNIDADE BOM JARDIM II, BENJAMIN
CONSTANT – AM.**

BENJAMIN CONSTANT-AM

2020

SIMONE PEREIRA CAVALCANTE

**PROCESSAMENTO, USOS E EFICÁCIA DE PLANTAS MEDICINAIS DOS
CURANDEIROS KOKAMA NA COMUNIDADE BOM JARDIM II, BENJAMIN
CONSTANT – AM.**

Monografia apresentado como requisito Parcial à
obtenção do título de Bacharelado em Antropologia
pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM,
Instituto de Natureza e Cultura - INC.

ORIENTADOR: Prof. Dr. JOSÉ MARIA TRAJANO VIEIRA

BENJAMIN CONSTANT - AM
2020

Ficha Catalográfica

Ficha Catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C376p	<p>Cavalcante, Simone Pereira Processamento, usos e eficácia de plantas medicinais dos curandeiros Kokama na comunidade Bom Jardim II, Benjamin Constant - AM / Simone Pereira Cavalcante . 2020 43 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientador: José Maria Trajano Vieira TCC de Graduação (Antropologia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Saúde. 2. Doença. 3. Kokama. 4. Medicina tradicional. I. Vieira, José Maria Trajano. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Natureza e Cultura
Curso de Bacharelado em Antropologia



Benjamin Constant, AM, 18 de Dezembro de 2020

ATA DE SUSTENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Aos 18 dias do mês de Dezembro de dois mil e vinte, às 16:00 h via plataforma Google meet iniciou-se a sustentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“PROCESSAMENTO, USOS E EFICÁCIA DE PLANTAS MEDICINAIS DOS CURANDEIROS KOKAMA NA COMUNIDADE BOM JARDIM II, BENJAMIN CONSTANT – AM”**, defendido pela discente **SIMONE PEREIRA CAVALCANTE** que teve como orientador o **Prof. Dr. José Maria Trajano Vieira (UFAM - Presidente)**. Além do orientador estava presente à Banca Avaliadora o **Prof.º MSc. Ismael da Silva Negreiros (Membro)** e a **Prof.ª Dr.ª Altaci Corrêa Rubim (UnB membro)**. Após a arguição da discente e as observações dos membros da banca, ficou definido que a monografia desenvolvida pela aluna em questão foi considerada aprovada. Com conceito final 9,0 (nove).

Observações: (X) deve a discente realizar as correções indicadas pela banca para posterior entrega da versão final do seu TCC junto à Coordenação do Curso de Antropologia.

Assinaturas da Banca Avaliadora e da discente:

Prof. Dr. José Maria Trajano Vieira (UFAM - orientador)

Prof.º MSc. Ismael da Silva Negreiros (Membro)

Prof.ª Dr.ª Altaci Corrêa Rubim (UnB – membro)

SIMONE PEREIRA CAVALCANTE (UFAM - discente)

SIMONE PEREIRA CAVALCANTE

**PROCESSAMENTO, USOS E EFICÁCIA DE PLANTAS MEDICINAIS DOS
CURANDEIROS KOKAMA NA COMUNIDADE BOM JARDIM II, BENJAMIN
CONSTANT- AM.**

Monografia apresentada ao curso de bacharelado em Antropologia do Instituto de Natureza e Cultura, da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação do Prof. Dr. José Maria Trajano Vieira, como requisito final para a obtenção do título de bacharel em Antropologia.

Aprovada em 18/12/2020

Conceito: 9.0

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Maria Trajano Vieira (orientador)

Prof.^a. Dr. Altaci Corrêa Rubim (UnB –membro)

Prof. Msc. Ismael da Silva Negreiros(membro)

Benjamin Constant - AM, 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por ter me dado força, ânimo e coragem para continuar e seguir em frente na minha caminhada acadêmica. Ao meu orientador, professor Dr. José Maria Trajano Vieira, por incentivar e acreditar sempre na possibilidade deste trabalho, contribuindo comigo com seu conhecimento e experiência.

Aos meus professores do curso de antropologia, os quais contribuíram com seus Conhecimentos e experiências em sala de aula.

Aos meus interlocutores indígenas Kokama: senhor Luís, dona Wilsa, professora Elisângela, dona Ducilene, dona Daniela, dona Maria, dona Dalila, dona Silda, os quais contribuíram nesta pesquisa da melhor forma possível.

Ao meu amigo Elson Barbosa a qual estive comigo sempre que precisava de algum texto em PDF sempre estive disposto a me ajudar.

RESUMO

Este Trabalho de conclusão do curso (TCC) é fruto de uma pesquisa antropológica sobre a saúde dos indígenas Kokama, e sua medicina tradicional na comunidade Bom Jardim II no município de Benjamin Constant-AM. A pesquisa tem por objetivo analisar o contexto da saúde, da doença e dos processos de cura das pessoas da comunidade. Por meio do método etnográfico, bem como da observação participante e da entrevista semiestruturada, a pesquisa direcionou-se também para outras dimensões como o modo do atendimento dos pacientes, dando atenção para os laços sociais estabelecidos entre eles. Toma-se como ponto de reflexão a categoria de atendimento nos locais às residências dos curandeiros. Em termos gerais, levando em conta que os pacientes se auto identificam como Kokama.

PALAVRAS CHAVES: Saúde; Doença; Kokama; Medicina tradicional.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión del curso (TCC) es fruto de una pesquisa antropológica sobre la salud de los indígenas Kokama y su medicina tradicional en la comunidad Bom Jardim II al municipio de Benjamin Constant-AM. La pesquisa tiene por objetivo analizar el contexto de la salud, de la enfermedad y de los procesos de la cura de las personas de la comunidad. Por medio del método etnográfico, bien como de la observación participante y de la entrevista semiestructurada, la pesquisa direccionou-se también para otras dimensiones como al modo de asistencia de los pacientes, dando atención para los laços sociales establecidos entre ellos. Toma-se como punto de reflexiones la categoría de asistencia en locales a las residencias de los curandeiros. Em termos gerais, levando en cuenta que los pacientes se auto-identifican como kokama.

PALAVRAS CLAVES: Salud; Enfermedad; Kokama; Medicina tradicional.

Lista de figura

Figura 1 - Curandeira dona Wilsa. Fonte: Simone Calvacante, 2019.....	17
Figura 2 - Armazenamento do cipó Ayhauaska. Fonte: Simone Calvacante, 2019.....	18
Figura 3 - Gengibre (mangarataia). Fonte: Simone Cavalcante, 2019.....	33
Figura 4 – Tapeba. Fonte: Simone Calvacante, 2019.....	34
Figura 5 – Malva. Fonte: Simone Calvacante, 2019.....	34
Figura 6 – Hostiga. Fonte: Simone Calvacante, 2019	35
Figura 7 – Arruda. Fonte: Simone Calvacante, 2019.....	35
Figura 8 - Coirama (folha grossa ou de pirarucu). Fonte: Simone calvacante.....	36
Figura 9 - Pobre velho. Fonte: Simone Cavalcante, 2019	36
Figura 10 – Andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.....	37
Figura 11 - Castanha andiroba. fonte: Simone Cavalcante, 2019	37
Figura 12 - Colhimento do óleo da andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.	38
Figura 13 - Óleo da andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019	38
Figura 14 - Sabão feito com a massa da andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.....	39
Figura 15 - Pião Roxo. Fonte: Simone Cavalcante, 2019	39
Figura 16 – Mucuracá. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.....	40
Figura 17 - Quebra-Pedra. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.	40
Figura 18 – Vassourinha. Fonte: Simone Cavalcante, 2019	41
Figura 19 – Cravo. Fonte: Simone Cavalcante, 2019	41

SUMARIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	13
1.1 Gênese da pesquisa.....	13
1.2 Métodos, trajetórias e encontros.....	15
CAPÍTULO 2:	22
2.1. ASPECTOS TEÓRICOS E ETNOGRÁFICOS DO PROCESSAMENTO E FUNCIONALISMO DAS PLANTAS TRADICIONAIS.	22
2.2. Os Kokama em Bom Jardim II: Etnografia sobre utilização de plantas medicinais	24
2. 3. Habitação: relações sociais, processo da retomada da lingua e moradia.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho caracteriza como uma pesquisa etnográfica e trata do processamento e utilização das plantas medicinais pelos curandeiros kokama na comunidade Bom Jardim II, Benjamin Constant, AM. Uma das motivações para a realização desta pesquisa, se deu devido a constatação de que a medicina tradicional kokama é bastante utilizada no local. Enfocamos, aqui como se dá o preparo das plantas, a eficácia de cada uma delas e o porquê das pessoas recorrerem aos curandeiros. Busco descrever e analisar, no contexto atual, as maneiras pelas quais os Kokama se relacionam com sua medicina tradicional, a partir da observação do atendimento dos indígenas na comunidade Bom Jardim II. Para tanto a partir de uma perspectiva antropológica, a etnografia procura analisar as relações sociais entre os Kokama, construídas durante os atendimentos entre curandeiros e pacientes indígenas.

Para a realização da pesquisa foi adotado o método etnográfico, utilizado em pesquisa antropológica, bem como a observação direta e a entrevista semiestruturada, o que possibilitou também perceber formas de agir diferenciadas entre os indígenas Kokama na hora do atendimento dos curandeiros no campo de pesquisa, contribuindo, assim para o resultado desse trabalho.

Diante disso, a presente pesquisa propõe, portanto, um novo olhar, a partir da ótica da antropologia sobre o processamento e eficácia das plantas, e contribui para a disciplina de antropologia da saúde na medida em que o fenômeno apreende o ser humano de modo holístico, ou seja levando-o em consideração quando aos seus aspectos bio, psíquicos, socioculturais e espirituais.

No primeiro capítulo será abordada a metodologia, ou seja, o caminho percorrido, bem como os métodos, as técnicas e sua forma de aplicação, demonstrando toda a trajetória e encontros que foram de vital importância para que fosse realizada esta pesquisa.

No segundo capítulo, serão discutidas as problemáticas relacionadas à saúde tradicional, apresentando o contexto teórico em que se consolidou a temática como um objeto de estudo, hoje estudado por diferentes áreas de conhecimentos.

A partir disso, serão abordadas as inter-relações entre curandeiros e pacientes mediada pela utilização das plantas medicinais, mergulhando dessa forma na historicidade, na cultura da comunidade indígena Kokama. Serão abordados os dados etnográficos coletados durante o trabalho de campo, visando observar qual a narrativa ou temas se sobressaem entre as falas dos meus interlocutores, para que assim possa ser analisada com mais aprofundamento. Serão

apresentadas e analisadas, portanto, as narrativas dos interlocutores em vários momentos de conversas relacionadas as diferentes dimensões dos atendimentos nos locais de pesquisa.

Entre os contextos abordados, destaca-se os sonhos dos indígenas Kokama, a condição política e social no qual se auto identificam, a condição de moradia, o processo da retomada da língua, e por último, a atuação das instituições sociais dentro da comunidade, evidenciando as relações existentes entre os sujeitos sociais envolventes.

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA E ENCONTROS

1.1 Gênese da pesquisa

Meu interesse em pesquisar o processamento e a eficácia das plantas medicinais, se deu em 2017 quando fui fazer um trabalho de campo da disciplina métodos e técnicas em antropologia social, em que tinha o tema: plantas medicinais com três curandeiros de etnias distintas: Kokama, Tikuna e Marubo. Foi a partir daí que se deu o interesse de fazer a etnografia sobre plantas medicinais dos indígenas Kokama de Bom Jardim II, porque conheci Dona Wilsa, uma curandeira muito conhecida pelos indígenas do local. Ela sempre visa em ajudar não só aos indígenas como também a outras pessoas não indígenas que a procuram para obter conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais.

Todos os finais de semana, quando ia para a casa da minha mãe, haviam pessoas em busca de dona Wilsa em sua residência, aquelas pessoas pareciam procurá-la com frequência, porque sempre me deparava com as mesmas. A primeira curiosidade surgiu em saber o porquê dessas pessoas irem com frequência, todos os finais de semana pessoas saiam com uma garrafa pet da casa de Dona Wilsa, além da inquietação em saber o porquê dessas pessoas buscarem constantemente, quis saber também que tipo de porção era aquela, porque quando fui fazer minha pesquisa não havia me aprofundado muito nessas questões.

Durante o tempo que fiz essa observação, comecei a passar mais vezes pela comunidade Bom Jardim e a conversar com pessoas que procuravam pela curandeira. A comunidade é formada por alguns comércios, 1 fazenda, 1 escola municipal, 1 posto de saúde, 1 quadra de esporte, 1 igreja evangélica, uma igreja católica, 1 igreja da Santa Cruz e as casas dos moradores indígenas Kokama. Nos finais de semanas, a casa de Dona Wilsa torna-se um lugar de encontros entre as pessoas, que lá podem conversar sobre assuntos que acontecem no dia a dia e sobre o ocorrido da comunidade.

Costumava sempre passar em frente à casa de dona Wilsa, porque minha família reside no final da comunidade, mas como eu vivi com minha família biológica, somente quando criança, mas nessa época de infância morávamos na comunidade indígena tikuna Filadélfia, e por não termos o fenótipo de indígenas tikuna éramos rejeitados pela maior parte da comunidade e pelo fato dessa discriminação, meu pai resolveu mudar para a comunidade Bom Jardim II, quando era adolescente migrei para cidade Benjamin Constant, e por mas que não tenho o

fenótipo de indígena tikuna, sou registrada legalmente como tal, mas ressalto que sou descendente de kokama devido as raízes genealógicas, e como não tive muito contato com pessoas da comunidade Bom Jardim, apesar de ter estudado na escola Sofia Barbosa, muitos me conheciam por sempre está no local quando adolescente.

Em uma dessas ocasiões a minha ida a campo comecei a conversar com uma indígena Kokama, uma senhora de 34 anos. Desde então passei a ter mais contato com ela.

Em 2018, quando decidi o que definitivamente iria pesquisar, passei a me inserir com mais intensidade na vida cotidiana dos indígenas Kokama. Nas consultas aos curandeiros, nas ruas, passei a observar as pessoas que frequentavam o local, a ouvir e observar situações quando as pessoas se juntavam. Comecei a conversar com pessoas sobre a minha monografia, com as que encontrava nas varandas de suas casas, e na casa da Dona Wilsa, como a maioria das pessoas já me conheciam por eu ter sido moradora e estudado na escola Sofia Barbosa da comunidade, ficavam mas a vontade em conversar sobre o assunto, e também queriam saber um pouco mais sobre minha pessoa e pesquisa. Logo de início comentei sobre o meu interesse de fazer pesquisa sobre eles e se os mesmos procuravam sempre os curandeiros quando estavam doentes. Entretanto, a minha pesquisa iniciou-se efetivamente em 2019 durante o estágio supervisionado, período em que boa parte dos dados etnográficos foram coletados.

Dessa maneira, esse percurso da monografia é composto por três momentos. O primeiro se deu durante a minha ida a campo para fazer minha pesquisa sobre plantas medicinais com três curandeiros de etnias distintas: Kokama, Tikuna e Marubo, em 2017, da disciplina métodos e técnicas em antropologia social. Optei focar nesses indígenas Kokama porque quis me aprofundar na maneira pela qual as plantas medicinais eram utilizadas no local: sobre como eram atendidos pelos curandeiros, e conseqüentemente em saber sobre o cipó Ayahuaska muito utilizado no local. O segundo, ocorreu, durante o meu estágio supervisionado: dei início a ida a campo em maio de 2019, momento em que comecei a conversar sobre a minha monografia com os indígenas; o terceiro se deu a pouco tempo, especificamente em agosto de 2019, como pesquisa final para a elaboração da monografia, foi onde passei a ficar mais tempo em campo para ter uma visão mais aprofundada sobre meu campo de pesquisa.

1.2 Métodos, trajetórias e encontros.

Destaco a importância das técnicas peculiares da antropologia para o desenvolvimento da pesquisa. Os dados foram coletados a partir da minha observação participante no campo, onde as conversas com os indígenas Kokama me levaram as perguntas e a elaboração de um questionário, formulado antes de ir para o local da pesquisa para as entrevistas. Porém na minha ida a campo as conversas passaram a ser mais informais, porque a partir daí gerou uma amizade com meus interlocutores.

O método etnográfico do qual se trata, vem se destacando cada vez mais entre os métodos de pesquisa das ciências humanas, principalmente quando é relacionado a pesquisa qualitativa. Na antropologia, essa prática de campo da coleta empírica é um processo advindo da antropologia cultural desde os trabalhos da equipe de Franz Boas e se consolida a partir da clássica obra de Bronislaw Malinowski “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, publicada em 1922, na qual se diz que o método, principalmente a observação participante tem um “inquestionável valor científico” e contribui na medida em que “traz resultados diferentes em relação aos resultados decorrentes das inferências do autor baseadas no seu senso comum e capacidade de penetração psicológica” (MALINOWSKI, 1997, p.18).

Segundo Rocha e Eckert (2008) a peculiaridade na pesquisa antropológica se dá pelos procedimentos técnicos próprios, tais como a observação direta e entrevista informal e pelas ferramentas: caderno de campo, gravador e câmera fotográfica.

A entrevista de que se trata aqui é a chamada entrevista semiestruturada, que decorre das observações e interações com os sujeitos da pesquisa, tal técnica surge de forma mais espontânea na medida em que se observa diretamente a realidade vivida. Portanto, foi por meios destes métodos e técnicas que a pesquisa se desenvolveu, foram coletados dados por meios das observações e por meios das conversas.

A revisão bibliográfica foi de suma importância como dados de complementação para a elaboração deste TCC, acerca da temática que aqui se trata.

Segundo Thereza (2014) na medicina popular, toda e qualquer prática terapêutica empregada na busca de solução de problemas de saúde é constituída de conjunto rituais, onde podem estar elementos materiais e imateriais tais como: reza, benção, passe, música, canto, dança cabaças, instrumentos musicais entre outros, considerando ainda, plantas medicinais, consumidas de diferentes maneiras, conforme determinam os momentos ritualísticos de cura

tais como pela inalação da fumaça, da planta cremada, por inalações, pelos usos tópicos em banho, e pela ingestão (THEREZA 2014, p. 4).

De acordo com Lévi-Strauss, a eficácia simbólica, tendo em vista a argumentação proposta, vem se tornando postulado cristalizado em meio a muitos pesquisadores que se voltam as curas mágico-religiosa, vem a sugerir reflexões cabíveis, principalmente quando as plantas medicinais entram como componentes dos procedimentos rituais adotados (Lévi- Strauss 2006).

Voltando as questões levantadas por Lévi-Strauss, se argumentamos que as técnicas de cura, tais como o canto xamânico cuna que ele descreve em seu ensaio, são eficazes, então temos que abordar a questão de como essa cura é alcançada (LÉVI-STRAUSS 2006).

Para realizar a pesquisa de campo, foram entrevistadas 9 pessoas, sendo 2 curandeiros, 7 indígenas Kokama, incluindo homens e mulheres de diferentes idades, sendo que todos são da comunidade Bom Jardim II, sendo que conversei com alguns moradores tanto próximo das casas dos curandeiros, quanto em seus locais de trabalhos e nas instituições da própria comunidade, para saber qual era a opinião que tinham sobre os curandeiros e sobre as plantas medicinais e assim coletar mais dados para a minha pesquisa.

Mas nem todas as vezes que ia a campo conseguia encontrar os curandeiros, pois Dona Wilsa trabalha como funcionária pública, na escola municipal Sofia Barbosa, pela parte da manhã e muitas vezes saía para fazer algum trabalho nas casas das pessoas, poderia encontrá-la mais aos finais de semana, porque ela reserva esses dias para arrumar a sua casa e ajudar as pessoas com o conhecimento que tem com as plantas. Já o senhor Luís, só o encontrava durante às noites, porque durante o dia o mesmo ia para sua roça trabalhar na agricultura.

Os locais das conversas que tive com meus interlocutores foram bem variados: nas residências dos curandeiros, nas ruas, nas instituições e até mesmo na beira do rio, quando estavam lavando roupas e tomando banho. Nem sempre era possível encontrá-los nos locais marcados para conversarmos, mas cada encontro que tinha com eles, era muito proveitoso pois saía dali com dados coletados para dar continuidade a minha pesquisa. O que me chamou atenção também foi as mulheres ao irem lavar roupas no rio, iam chamar outras para acompanhá-las e “jogar conversas fora”, portanto, um lugar apropriado para a observação.

A importância de um número maior de meus interlocutores se deu devido ao fato de as pessoas me conhecerem em virtude da amizade que estabeleci na adolescência, como eu já conhecia o local da pesquisa, ficou fácil encontrar onde os curandeiros moravam para contribuírem com minha pesquisa.

Uma das primeiras pessoas com a qual tive contato foi com a curandeira Dona Wilsa, pois ela é uma senhora de 65 anos de idade, que trabalha no serviço geral na Escola Municipal Sofia Barbosa.



Figura 1 - Curandeira dona Wilsa. Fonte: Simone Cavalcante. 2019.

Luís é um curandeiro indígena Kokama de 68 anos, conheci o mesmo em março de 2019, foi um dos indígenas que contribuiu bastante com minha pesquisa, por ser um dos curandeiros da comunidade, o mesmo tem muito conhecimento com as plantas medicinais. Conheci o senhor Luís por meio de Dona Wilsa, que me levou até sua casa, e apresentou-me como estudante de antropologia e disse a ele que queria adquirir um pouco do conhecimento, que possuía com cipó Ayauaska, para continuar com minha pesquisa.

Durante minha trajetória como pesquisadora, entrevistei alguns indígenas Kokama que se encontravam no Posto de Saúde Prim Assis, que estavam à espera de atendimento médico. No Posto conversei com 4 indígenas, apresentei os documentos oficiais para autorizar a minha pesquisa, porém somente 2 senhoras indígenas se disponibilizaram a ajudar. Os outros 2 indígenas não falaram muito, pois estavam bastante inseguros no momento, algumas pessoas da comunidade não se auto identificam como indígenas Kokama, pois dizem que não ganham nada se identificando, e melhor mesmo para me ajudar, seria contribuir com a entrevista, mas sem se identificar como tal.



Figura 2 - Armazenamento do cipó Ayhauaska. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

Alguns indígenas não aceitavam que eu tirasse fotos deles pois, segundo eles, tinha vergonha de expor a sua imagem, e achavam que seriam alvo de zombaria por partes de outras pessoas, já outros arrumavam o cabelo e a roupa, para poder sair bem na imagem.

Se, por um lado haviam pessoas que demonstravam interesse em me ajudar com minha pesquisa, por outro haviam pessoas que não queriam expor suas falas, com medo de qualquer outra coisa. Foi o caso de dona Dalila, de 64 anos, que segundo sua filha Daniela teria medo de falar qualquer coisa referindo a comunidade, porque teria medo de pessoas fazerem qualquer tipo de maldade, porque, segundo o relato de Daniela, pessoas recorrem aos curandeiros para fazer o mal às pessoas fazendo, muitas vezes, a pessoa ir a óbito.

No primeiro encontro que fui à casa de dona Dalila, percebi que houve uma certa desconfiança, apesar de ela me conhecer desde criança, porque eu sempre a visitara quando estudava na escola municipal Sofia Barbosa, mas mesmo assim esta demonstrava um certo incômodo com minha presença, pois queria saber um pouco sobre minha pessoa, e o porquê de eu ter resolvido sair da comunidade para morar em um outro lugar, se foi porque o mercado de trabalho na comunidade era difícil. No momento da conversa, percebia que dona Dalila queria falar sobre o assunto da pesquisa, até perguntava algo sobre minha monografia, outro momento fugia do assunto, pois o que comentara sobre o trabalho dos curandeiros do local foi que quando os procurasse, tinham que continuar indo sempre, agora o motivo não quis falar e saiu do assunto definitivamente.

Saindo da casa de dona Dalila, de igual forma aconteceu com a senhora Silda, uma senhora de 58 anos, quando cheguei em sua residência, me apresentei como discente de

antropologia e falei da minha monografia que estava voltada para o processamento e a eficácia das plantas com os curandeiros da comunidade. Logo de imediato ela falou que não procurava os curandeiros porque sua mãe havia ensinado os remédios que ela poderia precisar quando estivesse doente. Perguntei se ela poderia contribuir com algumas informações sobre o modo de como fazia os remédios com as plantas, porém ela falou que poderia falar somente se fosse feito por ela própria, porque não ia atrás dos curandeiros na comunidade, porque já adquirira o conhecimento com as plantas.

Silda, convidou-me a entrar em seu quintal e ver as plantas que possuía e que utilizava sempre quando alguém a procurava, principalmente familiares, perguntei se poderia tirar fotos das plantas e ela concordou balançando a cabeça e com um sorriso, começou a falar o nome de cada um, para que servia e o modo de preparo.

Darlene Santos é uma outra indígena Kokama de 32 anos e que, a me ver, confundiu que eu trabalhava como funcionária pública, que estava fazendo cadastro para receber o benefício do programa de inclusão social e cidadania oferecido pela Prefeitura Municipal de Benjamin Constant. Após a entrevista, perguntou-me se iria receber algum retorno financeiro por ela ter colaborado com a pesquisa, ela equivocou-se por eu ter os documentos de autorização de pesquisa, uma máquina fotográfica, minha carteira estudantil e meu caderno de campo. Porém mesmo depois, sabendo que eu estava ali para a realização da minha pesquisa, falou que eu poderia procurá-la quando precisasse de mais informações, que ela estaria disposta a colaborar para minha monografia.

Entre meus interlocutores indígenas kokama, percebia-se que a necessidade econômica fazia com que em cada momento houvesse uma forma de atuação, porque quando estava conversando com dona Dalila, ela estava preocupada e esperava ansiosa pessoas irem deixar roupas para ela lavar, pois estava querendo obter o dinheiro para assim suprir as necessidades da casa. Percebia-se que, para a mesma, minha presença ali estava incomodando-a, porque eu estava tomando seu tempo e espaço naquele momento, por mais que eu não estivesse falando sobre a pesquisa, porque ela sempre desviava a conversa e queria mais era saber da minha vida pessoal do que da monografia.

Concordo com Zaluar, quando afirma que esse tipo de situação, “para qualquer pesquisador é uma experiência desagradável, às vezes desanimadora, pois nos leva a refletir sobre os efeitos da pesquisa na população” (ZALUAR, 1985, p. 14).

Contudo, segundo a autora, não é somente o pesquisador que pensa sobre isso. A recusa em participar da entrevista, de prestar informações, as desconfianças, os questionamentos em saber da condição da pesquisa; tudo isso leva a uma conclusão.

De acordo com a autora.

[...] os pesquisadores também se perguntam sobre o sentido desta troca que é a pesquisa. Se nada nos garante o direito de perturbar lhes a vida no espaço que eles concebem como o de sua liberdade (a casa, o bairro), só nos resta a concluir que contamos também com a paciência e a generosidade do nosso “objeto”. (ZALUAR, 1985, p. 15)

Contudo, alguns indígenas aceitavam ser entrevistados, não demonstravam desconfianças, pelo contrário, falavam sobre a importância acerca de seu grupo na comunidade Bom Jardim, como é o caso da professora Elisângela de 38 anos, que desde o princípio me incentivou a fazer pesquisa sobre os indígenas Kokama.

Como fui moradora da comunidade e minha família mora ainda no local, seria uma forma de dar visibilidade e contribuir para mostrar algo importante que acontece na comunidade, pois outros indígenas não tem uma visão boa dos Kokama, por não possuírem a língua materna, mas que estão em processo da revitalização, estão buscando aprender a falar com pessoas que tem a idade mais avançadas, também estão buscando aprender com cursos na residência da professora Elisângela, o que pude observar também que as pessoas do local estão muito interessados em aprender a língua dos kokama procuram aulas online para que assim possa passar para os demais que não tem acesso à internet.

No decorrer dos 2 meses de Estágio Supervisionado, dediquei-me a coleta de dados, a observação participante e as entrevistas com o curandeiro Luís e com os moradores indígenas kokama na comunidade Bom Jardim. Voltei a campo em agosto de 2019, fiz a primeira entrevista para o meu trabalho de conclusão do curso, sendo que fiz contatos com 9 indígenas Kokama, incluindo os curandeiros dona Wilsa e o senhor Luís. Na minha ida a campo o mais difícil foi encontrar os indígenas nos lugares marcados por eles, algumas vezes as conversas eram marcadas nas residências dos pacientes, nos locais de trabalhos e com os curandeiros em suas próprias casas, mas sempre estavam ocupados fazendo outras coisas que tinham como benefício. Foi muito difícil realizar conversas com os indígenas, porém com os curandeiros eles sempre estavam dispostos em colaborar com a pesquisa.

Os dias que os indígenas Kokama estavam disponíveis para conversar, geralmente eram aos finais de semana, aos sábados e domingos, mas grande parte das observações foram feitas no local de trabalho dos meus interlocutores, durante os dias que estive no campo da pesquisa. Ducilene uma das indígenas que cedeu a entrevista, no comércio que fica situado na Rua 13 de maio, sua residência e (local de trabalho) ali presenciei momentos da vida da minha interlocutora.

Sempre quando ia a campo para as entrevistas, saia com antecedência de meia hora, quando de moto táxi, mas de vez em quando ia caminhando, pois haviam dias que chovia bastante, e a rua ficava intransitável, de se locomover de (moto), nessas condições tinha que sair de casa 2 horas antes do horário marcado, porque na rua 13 de maio, que dá acesso até a comunidade Bom Jardim II não havia asfalto, por isso o trânsito ficava difícil. O horário da entrevista era marcado com antecedência, mais nem todas as vezes encontrava os meus interlocutores, pois sempre havia um imprevisto. Como a comunidade é pequena, tudo fica próximo, o posto de saúde Prim Assis, os comércios, a Escola Municipal Sofia Barbosa e as casas dos indígenas.

Vale ressaltar que na minha trajetória, tive momentos difíceis, pois primeiramente não tinha um veículo próprio, que podia me locomover até o local, segundo estava desempregada, tinha que fazer qualquer trabalho, (bico) para poder manter o próprio sustento e a de meus filhos e terceiro não recebia nenhum benefício da instituição, por ter ultrapassado o prazo para conclusão do meu curso. Contudo, alguns de meus interlocutores a princípio achavam que eu poderia contribuir com alguma ajuda, e tinha que explicar que não tinha condições em ajudá-los financeiramente. Essas informações foram importantes para a coleta dos dados etnográficos.

Apresentar todos os aspectos de envolvimento em campo, em uma pesquisa Antropológica dar a atenção as performances dos sujeitos observados, os momentos, os lugares, as pessoas, as dificuldades, tudo o que está em volta da pesquisa são importantes porque permite compreender a dimensão com a experiência a campo.

CAPÍTULO 2:

2.1. ASPECTOS TEÓRICOS E ETNOGRÁFICOS DO PROCESSAMENTO E FUNCIONALISMO DAS PLANTAS TRADICIONAIS.

Nas últimas décadas, o fenômeno da saúde tradicional, é evidentemente considerado um importante tema de estudo nas diferentes áreas, o que pode ser observada na vasta literatura bibliográfica existente acerca da referente temática.

Tomando a região do Alto Solimões/AM, podemos entender que existe uma rica diversidade de plantas medicinais. A qual devemos aprender a construir formas de relacionamentos que incorporem as práticas sociais e os saberes dos outros. Estes possuem conhecimentos socioambientais locais e outros modos de vida originais, que podem ser utilizados se conhecidos por todos dali e do mundo, podendo deixar de usar aqueles modelos de vidas imposta pelo sistema dominante (JUSTAMAND, 2010).

Parece-nos ser preciso respeitar saberes transmitidos social ou historicamente entre os grupos, saberes estes concebidos e forjados ao longo de milhares de anos e mantidos pela transmissão oral, sendo ampliados e usados por todos os grupos e habitantes onde surgiram. Dessa forma como se trata de uma pesquisa antropológica, se torna essencial analisar as maneiras pelas quais os curandeiros processam as plantas e o funcionalismo, para que doença acreditam obter a cura, bem como a relação curador/paciente.

Esse ramo do conhecimento pode ser compreendido ao pensar “processo total” dos conhecimentos tradicionais com as plantas, da mesma forma em que Mauss (1974) compreende o “fato social total”. Segundo o autor, o fenômeno natural pode ser compreendido a partir de vários campos da vida social, entre eles o político, o econômico, simbólico, religioso, e, contudo, isso, é possível compreendermos de melhor maneira o que o autor traz em seus textos, da mesma forma, a saúde tradicional que desperta perspectivas de vários outros campos da pesquisa, o que faz ter uma compreensão mais ampla com as plantas medicinais.

Assim, cria-se a necessidade no âmbito dos grupos e todos precisam respeitar o fazer e conhecimento do outro, o que deve ter acontecido no Alto Solimões, bem como em outras partes amazônicas, onde os saberes e conhecimentos são divididos e utilizados por todos.

Para Luiz Eduardo Luna, diversos conhecimentos da região Amazônica baseiam-se na experiência dos povos que ali vivem ou viveram; tais conhecimentos estão ligados especialmente ao mundo indígena, como é o caso da Ayahuasca. E esses saberes acoplados se ligam a outros tantos dos povos amazônicos, transformando-se em contribuições efetivas, por exemplo, para a farmacologia da consciência (Luna, 2005, p. 334 e 339).

Ainda segundo o autor, nos locais onde os rituais ligados à prática da ayahuasca foram mantidos, os grupos indígenas têm resistido aos embates que pretendiam realizar sua desintegração sociocultural (Luna, 2005, p. 340).

Para Helman, os curandeiros compartilham concepções semelhantes sobre saúde e doença e que serão comparativamente raros os mal-entendidos entre ambos (Helman, 2003).

Como analisa Laplantine (1991), enquanto a medicina oficial frequentemente fornece apenas uma explicação dos mecanismos químico-biológicos da doença e dos meios de amenizá-lo, a medicina popular busca uma resposta integral ao problema (psicológicos, culturais, espirituais, pessoais, etc.) que o mecanismo não consegue eliminar.

Ainda segundo Laplantine (1991), enquanto a intervenção do modelo biomédico busca apenas conferir uma explicação para o desequilíbrio dos mecanismos biológicos da doença e dos meios eficazes para controlá-los, as práticas populares tentam responder a uma série de insatisfações como um todo (de caráter psicológico, social, espiritual). Boa parte das práticas da medicina popular geralmente ocorre entre pessoas ligadas por laços de parentesco, amizade, vizinhança ou organizações religiosas. Desse modo, o paciente e o curandeiro compartilham concepções semelhantes sobre saúde e doença e que serão comparativamente raros os mal-entendidos entre ambos.

Dessa maneira, seja nas ciências humanas, sociais, seja nas biológicas, exatas, entre outras, atualmente é evidente ver como essa questão tem recebido visibilidade e relevância devido ao aprofundamento da diversidade e da complexidade com as plantas medicinais.

As representações e práticas que a população utiliza no nível do sujeito e do grupo social para diagnosticar, explicar, atender, controlar, aliviar, argumentar, curar, solucionar ou prevenir os processos que afetam sua saúde em termos reais ou imaginários, sem intervenção direta, central e intencional de curadores profissionais. (Menéndez, 2009, p.179)

É importante também dar atenção para o contexto teórico antropológico, o conceito de auto atenção aponta para o reconhecimento da autonomia e da criatividade da coletividade, que articula os diferentes modelos de atenção ou cuidados a saúde.

Tais obras citadas acima, são apenas algumas, que tratam da temática da saúde tradicional, que muito pode ser explorada para se pensar o processamento e o funcionalismo das plantas medicinais com os curandeiros indígenas Kokama na comunidade Bom Jardim II.

2.2. Os Kokama em Bom Jardim II: Etnografia sobre utilização de plantas medicinais

Este trabalho foi desenvolvido durante 7 meses da ida ao local da pesquisa, sendo que não eram todos os dias que pude encontrá-los disponíveis para conversar, apenas aos finais de semanas. A minha convivência intensiva foi a partir de setembro de 2019, pois ia onde eles estavam, em suas casas, nos locais de trabalhos, no posto de saúde Prim Assis e até mesmo no rio quando iam lavar roupas. Contou com a colaboração de 7 indígenas e 2 curandeiros também indígenas da comunidade Bom Jardim II, que colaboraram com a pesquisa, através de entrevistas e conversas indiretas. Entre os interlocutores, os principais foram o curandeiro senhor Luís, a curandeira Dona Wilsa, dona Darlene, dona Ducilene, dona Silda, dona Lúcia e o senhor Luciano, Maria e Daniela.

É importante situar quem são os indígenas que colaboraram com as informações para minha monografia, para que assim possa discorrer sobre tal grupo indígena que recorrem a saúde tradicional em Bom Jardim II.

Vieira, 2016, baseado na premissa de Carneiro da Cunha, sobre a utilização da etnicidade em sociedades multiétnicas, de que “um mesmo grupo pode usar identidades diferentes” (Carneiro da Cunha, 2009: 231), observa que:

Pode-se dizer que, no caso dos Kokama, uma parte deste povo assumiu uma identidade em termos genéricos de “indígena” e/ou “Kokama”. Uma segunda parte, formada por peruanos comerciantes, adotou dupla identidade, ressaltando sua “peruanidade” em algumas situações e a “kokamidade” em outras. Uma terceira parte assumiu uma identidade religiosa da irmandade da cruz, católica ou evangélica. E, por último, temos aqueles que se apresentam como portadores de identidades múltiplas, que paralelo ou simultaneamente, as já mencionadas identidades se acresce as identificações de “brasileiro”, “colombiano”, “aperuanado”, “mestiço”, “ribeirinho” etc. “há trânsito de um nicho para outro, conforme o contexto em que se dá a relação entre grupos locais e o Estado” (Almeida, 2011: p.46). (Vieira, 2016).

Tudo isso coaduna com as constatações de Carneiro da Cunha de que, “um mesmo grupo étnico exibirá traços culturais diferentes, conforme a situação ecológica e social em que se encontra, adaptando-se as condições naturais e às oportunidades sociais que provem da interação com outros grupos, sem, no entanto, perder com isso sua identidade própria” (Carneiro da Cunha, 2009: 251, *apud* Vieira, 2016). Marginalizados efetivamente pelo Estado nacional brasileiro, os Kokama dele esperam por se beneficiar, por meio da reivindicação da diferença, mesmo que a custa de uma posição um tanto incômoda no contexto interétnico regional. Vistos no alto Solimões como supostamente “índios peruanos” são tidos como invasores.

Os kokama vivem na tríplice fronteira entre os Estados nacionais do Brasil, Peru e Colômbia, uma região integrada por uma complexa rede de relações Interétnicas, formada por laços de parentesco, religiosos, econômicos e políticos que vão além das fronteiras nacionais com o Peru e a Colômbia. Relações essas que perpassam de maneira imbricada e dinâmica todo o território fronteiriço (Vieira, 2016).

As principais atividades de subsistência dos Kokama são a agricultura e a pesca, refletem um conhecimento de muitas experiências com a lavoura e na forma de irem aos rios ou lagos pescar. Embora que nos últimos anos os tenha envolvido em várias formas de produção para o mercado de trabalho como funcionários públicos e alguns outros indígenas donos de seus próprios negócios.

A comunidade Bom Jardim, conhecida também como bairro devida a estreita ligação que tem com a cidade Benjamin Constant, foi reconhecida como área indígena pela Funai em 2003, a partir da iniciativa dos indígenas do bairro e que contou com a colaboração da Antropóloga Regina Erthal. Assim o então bairro de Bom Jardim passou a ser uma comunidade indígena Kokama e hoje se encontra em processo de identificação e demarcação pelo órgão indigenista oficial. (VIEIRA, 2016, p. 228).

Alguns servidores da administração pública municipal reconhecem que na comunidade Bom Jardim existe o que eles chamam de “kokama peruanos”. A comunidade Bom Jardim foi instalada em 1961 e tem como limites a “ponte de Filadélfia e o igarapé da taboca” (VIEIRA, 2016, p. 228).

Meu primeiro contato com os indígenas foi em 2017, quando fui fazer a minha pesquisa da disciplina métodos e técnicas de antropologia social, em 2017, desde essa época sempre ia a comunidade conversar e observar, já com a intenção, de realizar meu trabalho, somente em 2018, durante o meu estágio, comecei oficialmente a pesquisa, isto é, voltei ao bairro apresentando os documentos oficiais da pesquisa e iniciando as entrevistas.

Vale ressaltar que o povo indígena Kokama está inserido no contexto de retomada de identidade étnica, lutas pela demarcação de terra indígena, pela preservação de sua cultura e da sua identidade, sendo assim reivindicam o direito de serem indígenas e o respeito a suas diferenças, se interessam pelo desenvolvimento, como o modo de obter os benefícios oferecidos pelo governo.

Os Kokama são conhecidos regionalmente como “Peruanos”, dessa maneira são estigmatizados por outras etnias, sofrem preconceito, dizem que eles são peruanos e não indígenas, por não possuírem a língua nativa dos antepassados Kokama.

Para os Kokama o “resgate” de sua cultura nas últimas décadas passou a ter uma finalidade política fundamentada na busca de uma consciência étnica indígena que incorpora, além dos traços “tradicionais” de sua cultura, todos aqueles decorrentes do contato desde o período colonial. Trata-se, portanto, nesse processo da construção de sua identidade étnica enquanto coletividade, um dos aspectos de fundamental importância para a condição atual desse povo, no sentido de buscar o reconhecimento étnico e territorial no contexto atual de ocupação da região e das políticas públicas e indigenistas oficialmente vigentes no Brasil. Nas últimas décadas do século XX os Kokama reaparecem no alto Solimões, num processo de ré emergência étnica, para retomar o controle sobre suas identidades, sobre seu território e para buscar sua autonomia. Esse processo se dá por meio da reinvenção de suas tradições a partir da criação de suas associações às quais, por meio de seus representantes legais, mediam as relações dos indígenas com o Estado com o qual tentam dialogar. Nesse sentido, considerando a atual participação dos Kokama no cenário regional, nacional e transfronteiriço, os atores indígenas são personagens ativos na história do contato (VIEIRA, 2016, 69).

Os Kokama após terem ocultado ou mesmo negado sua condição étnica durante décadas, reivindicam novamente sua identidade indígena e o seu reconhecimento legal como sujeitos de direitos coletivos diferenciados. A definição de índio, contida no Estatuto do Índio de 1973, parte da noção de que o fundamental na definição do índio é considerar se e ser considerado como tal. O Estado brasileiro nega dar aos Kokama direitos de cidadania, suas vozes praticamente ecoam no vazio e seus direitos históricos, vistos como privilégios por muitos, são surrupiados: geralmente terras deixam de ser demarcadas, não os oferece um atendimento de saúde e de educação diferenciado, suas lideranças não são respeitadas. Como afirma Carneiro da Cunha os índios têm “direitos históricos a seus territórios, que o Estado tem o dever de garantir, direito a serem reconhecidos como povo, e direito, como todos os segmentos sociais deste país, à cidadania, isto é, a organização e representação” (Carneiro da Cunha, 2009: 254). (Vieira, 2016).

Quem já teve a oportunidade de conversar com os curandeiros devem ter percebido, que eles tentam passar os conhecimentos que possuem com as plantas para pessoas que os procuram. Além disso, durante os encontros, alguns de meus interlocutores insistiam que eu fosse mais vezes para assim poder passar o dia de lazer juntamente deles, porque quando eu os procurava, segundo eles, era somente para coletar dados da minha pesquisa, também queriam saber um pouco como era morar na cidade de Benjamin Constant e como era a vivência dentro do Instituto de Natureza e Cultura como estudante.

Dito isto, antes de falar sobre os curandeiros, é importante ressaltar que ambos aprenderam a trabalhar com as plantas no decorrer do tempo, de como seus pais foram passando esses conhecimentos, eles não nasceram com esse dom, tudo que adquirem hoje, é fruto de que tiveram o interesse em aprender para continuar com a tradição do seu povo. É nessa esteira que esse trabalho é construído.

Conheci o senhor Luís no primeiro semestre de 2018 durante o meu estágio. Quando fui a campo pesquisar sobre a minha monografia, Luís sugeriu que eu conversasse com sua esposa Maria, a fim de contribuir com minha pesquisa. Luís afirmou-me que desde que decidiu trabalhar com as plantas a intenção dele era ajudar seu povo, porque pelo que ele percebia muitos estavam precisando de ajuda, porque não eram todas as doenças que eram tratadas nos hospitais, e que somente com a ajuda do cipó ayahuaska e dos xamãs era possível obter a cura.

Foi o caso da Maria, esposa do senhor Luís, que estava desenganada pelos médicos, estava com câncer, começou a tomar o chá do cipó ayahuaska, que o esposo havia preparado, tomou por dois anos, e o câncer que tinha no colo do útero desapareceu, quando retornou ao posto de saúde para fazer os exames necessários, não possuía mas nada, os médicos se admiraram e perguntaram o que tinha feito ou tomando para que assim a ferida que possuía no colo do útero tivesse desaparecida.

Tradicionalmente, o povo cocama tinha em sua organização social os xamãs, isto é, pessoas que têm “acesso a esses outros patamares de cosmos” (AGUERO, 1994, p. 48)

O primeiro refere aos sopradores: que eram aqueles que curavam através dos sopros no ar, em suas próprias mãos e na parte infectada do corpo do paciente. Também sopravam a comida e a bebida, que em seguida era dada como remédio ao doente. O tratamento se completava dando ao enfermo uma bebida composta por tabaco, por vezes misturado a outras ervas. Todos esses gestos eram acompanhados de invocações aos espíritos. (AGUERO, 1994).

O segundo referindo-se aos cantadores: que ficavam em um local próximo ao enfermo entoando cânticos para chamar espíritos encarnados em aves ou em outros animais e rogar para que a alma do enfermo não o abandonasse, outro tipo de xamã era o chupador, que curava pela sucção da parte afetada do enfermo com o objetivo de tirar o feitiço. Finalmente, havia o jejuador, o qual se valia de jejuns rigorosos, aos quais também deviam se submeter o enfermo e seus parentes mais próximos, com o fim de descobrir a origem do mal. (AGUERO, 1994).

O terceiro que se refere ao pajé: entre os xamãs mais célebres, havia aqueles que se separavam da comunidade e se retiravam em uma choça, onde jejuavam e invocavam aos espíritos durante alguns dias, ao cabo dos quais voltavam com a mensagem que haviam recebido dos espíritos sobre a causa dos danos. (AGUERO, 1994).

A quarta refere-se, que é mais conhecida até hoje, fazia uso de plantas alucinógenas, em particular a ayahuasca, também chamada sogá. Os rituais de consumo da ayahuasca duravam toda a noite e envolviam muitos participantes. (AGUERO, 1994).

Logo que começava a beber ayahuasca, o xamã invocava em voz alta e se debatia com o espírito para que o escultasse. Em um segundo momento, caía desvanecido e o espírito se apossava de seu corpo. Finalmente sua alma realizava um voo e o espírito falava por sua boca. Em outros casos, a alma do xamã realizava o voo abandonando o corpo, e em seu regresso contava por onde havia andado e com quem havia interagido. Esse xamã é hoje conhecido entre os Kokama peruanos como “banco”, porque os espíritos se sentam sobre ele. (AGUERO, 1994).

Atualmente, os Kokama conservam a denominação Sume para o xamã, que se comunica com o mundo sobrenatural através da ayahuasca. O deus Ini Jará, depois de criar a Terra e os homens, subiu no céu, de onde cuida os homens. O Sume é seu representante na terra (AGUERO, 1994).

O processo de contato com os europeus trouxe prejuízos étnicos, culturais e sociais ao Kokama, pois a organização tradicional desse povo vinculava-se intimamente ao plano transcendental, que regiam os acontecimentos de suas vidas. Provocando desequilíbrio interno no seio desse povo, considerando que já possuíam uma lógica que regia a esfera do tempo-espaço, além de um sistema de organização, que era conduzido pela sabedoria dos xamãs, anteriormente ao processo de contato com o homem branco. A cosmovisão dos cocamas sobre as patologias e a morte infere que os rituais em torno dos fenômenos cumpriam uma função social naquele contexto, não somente porque os xamãs participavam de um grupo organizacional do povo, mas porque conduziam, naquele universo, os diferentes segmentos sociais, isto é, as lideranças espirituais, políticas e os guerreiros, base da sociedade cocama. Assim o grupo se integra e se reintegra segundo essas variáveis, inclusive com outros povos para promover a sobrevivência do povo (AGUERO, 1994).

2. 3. Habitação: relações sociais, processo da retomada da língua e moradia

Desde que comecei a ir a campo com mais frequência, em 2017, passei a conviver por mais tempo na comunidade Bom Jardim, o que mais me motivou foi o fato de saber o porquê das mesmas pessoas procurar com frequência as casas dos curandeiros, a casa de meus pais fica quase no final da comunidade, próxima a ponte que liga Bom Jardim a comunidade Filadélfia.

Todos os finais de semana quando ia para casa de meus pais me deparava com pessoas indígenas e não indígenas a procura dos curandeiros em frente a suas casas, e queria saber se as pessoas da comunidade sempre recorriam aos curandeiros, porque quando estudava na escola Sofia Barbosa, localizada na comunidade, ouvia alguns comentários negativos em relação aos

curandeiros. Comentários como: *não sei para que tem esses macumbeiros aqui que só servem para fazer o mal as outras pessoas*. Tais diálogos eram de meus próprios colegas de sala de aula e das pessoas do mesmo local.

Essas reações negativas não foi a primeira questão que me chamou a atenção. Mas também a questão da moradia, muitas famílias moram em casas de madeira, são pessoas de baixa renda, recebem somente o bolsa família, outros possuem 1 salário mínimo, é o caso dos aposentados, outras moradias são de alvenaria, com 2 até 3 famílias na mesma casa.

As pessoas que possuem casa com estrutura melhores são pessoas que tem 2 a 3 salários mínimos, como aposentados e funcionários públicos, mas percebe-se que muitas vezes essa quantia em dinheiro não dá para suprir as necessidades de todos que convivem na mesma casa, é o caso do cacique da comunidade, senhor Avelino Azipar, que mora numa casa de madeira que tem a vista para o do Rio Solimões.

Os indígenas kokamas são discriminados por não possuírem a língua materna, por outros indígenas pois não tem uma visão boa por não praticarem a língua materna, mas os kokama estão em processo da revitalização “retomada” da língua, estão buscando aprender a falar com pessoas que tem a idade mais avançadas, também estão buscando aprender com cursos na residência da professora Elisângela, o que pude observar também que as pessoas do local, como também de outras comunidades de Sapotal e São Pedro do Norte, estes se juntam fazendo reuniões e planejam como vão fazer para ter as aulas para que assim possa aprenderem a retomar a língua materna, estão muito interessados em aprender a língua dos kokama procuram também aulas online para que assim possa passar para os demais que não tem acesso à internet.

Por meio de alguns moradores da comunidade, foi possível perceber como os curandeiros eram vistos por algumas pessoas do local. As frases “não sei para que têm esses macumbeiros aqui” e “que só servem para fazer mal as outras pessoas” pressupõe a visão de alguns moradores da comunidade, que os curandeiros só serviam para colocar feitiço nas pessoas.

Percebi que no momento que os indígenas falavam mal dos curandeiros, que eles só faziam o mal a outras pessoas percebe-se a discriminação e a rejeição porque essas pessoas frequentam a igreja evangélica, e a da cruzada por isso que vem o preconceito por achar que é uma prática para ter o contato com entidades da linha esquerda ou seja do mal, para que assim possam vir prejudicando a outras pessoas.

Contudo, a primeira coisa que me chamou atenção durante a minha ida a campo na comunidade, foi quando passei a observar que eram somente as mesmas pessoas que iam à

procura da curandeira dona Wilsa, sendo que as pessoas que a procuravam eram indígenas e não indígenas. No momento do atendimento as pessoas, todas eram tratadas da mesma forma, segundo o senhor Luís e dona Wilsa.

Silda, de 58 anos é moradora do Bairro desde 2001. Segundo dona Silda quando tem algum membro da sua família está doente, ela vai até seu quintal e pega as plantas conforme seja a dor que a pessoa está sentindo. Se a doença está avançada, vão até o posto de saúde Prim Assis, que fica na mesma comunidade ou até hospital de Benjamin Constant, é o caso de doenças mais graves. Não recorrem aos curandeiros e nem aos pajés da comunidade porque dizem que não costuma andar nesses lugares por causa da religião que possui e não acha que é o certo para quem frequenta a igreja e tenta preservar a sua imagem.

Mas como percebo que algumas pessoas tentam preservar sua imagem, não se envolvendo com pessoas que trabalham como curandeiros mas de uma outra forma praticam em fazer a maldade a outras pessoas, em seu próprio local onde mora, através do conhecimento que possuem com as plantas que adquiriram com os seus antepassados.

Essa situação nos leva a pensar sobre o possível preconceito existente na mente de algumas pessoas, em relação aos curandeiros e pajés no contexto de cura. Afinal, algumas famílias fazem seu próprio remédio com as plantas, ao invés de ir procurar ajuda com os curandeiros, esse possível preconceito pode estar relacionado aos estigmas e estereótipos criados sobre os curandeiros e pajés de que são macumbeiros só servem para fazer o mal para outras pessoas, são acusados também de matar pessoas lentamente com doenças. Tal visão parece prevalecer até hoje entre alguns moradores da comunidade, quando eu comentava sobre o meu objeto de pesquisa algumas pessoas me perguntavam: “é verdade que esses curandeiros falam com os espíritos do mal?”. Ou, “cuidado para eles não colocarem algum feitiço em você”.

Essas perguntas fazem refletir que tais pensamentos se dão porque os curandeiros e pajés trabalham na questão do espiritismo, Lieban (1975), novamente tratando do controle social, oferece uma sólida etnografia, descrição gráfica do papel da feitiçaria e da doença no controle de comportamento.

Segundo uma interlocutora, que não quis que eu colocasse o nome dela nesse relato, “certos tipos de doenças estão associados a feitiçaria, e a comunidade entende que é por causa que alguma pessoa que tem mal comportamento, ou seja, que tem inveja pôr a pessoa ser próspera no que faz, como no trabalho que possui, na vida financeira ou até mesmo porque querem ver o mal do outro, por isso é causado o feitiço”.

Os aspectos sociais da doença tanto em termos de causas e tratamentos, forças sobrenaturais responsáveis não apenas pela doença, mas por uma grande variedade de

infortúnios das quais a doença é apenas uma, desde que a doença é causada por poder sobrenatural, forças as quais todas são presas, cabe aos parentes, além da própria pessoa, para a saúde que assim seja restaurada, fazendo com que o curandeiro receite algo, para que assim seja obtida a cura.

Em relação as teorias religiosas, Miriam Cristina Rabelo diz que essas “curam ao impor ordem sobre a experiência caótica do sofredor e daqueles diretamente responsáveis por ele” (RABELO, 1993, 316) para isso “o especialista religioso manipula um conjunto de símbolos religiosos para que funcionem, isto é, produzam cura, é preciso que sejam compartilhados pelo curador, o doente e sua comunidade de referência” (RABELO, 1993, 316).

Podemos claramente compreender que os motivos da realização da cura, passam para o campo espiritual no momento que o curandeiro está com o paciente, esse mesmo corpo dá conhecimento do sofrimento que irão deixar transparecer as explicações sintomáticas que claramente podem ser percebidas pelos curandeiros.

A visão negativa de algumas pessoas da comunidade fica clara na fala de uma senhora que observei e ouvi durante uma conversa dela com uma amiga, com a qual eu conversava um pouco antes dela chegar, segundo ela:

“só vivo nessa comunidade porque a maioria de minha família mora aqui, e não tenho um outro lugar para morar, mas assim que os funcionários da prefeitura começarem a pegar os nomes para dar as casas no conjunto habitacional ou terreno em Benjamin, eu enfrento a fila para dar meu nome e ganhar, nem que seja uma daquelas casinhas ou um pedaço de terra e saio daqui, para que eu não esteja convivendo com pessoas que fazem o mal para a gente, dá até medo de morar perto de pessoas que falam com espíritos na hora desse ritual que fazem aí” (Nome desconhecido, comunidade Bom Jardim).

Essa fala retoma a primeira inquietação surgida durante os primeiros meses de ida a campo, o fato das algumas pessoas não irem ao curandeiro, remete a uma ideia preconceituosa e optam pela medicina ocidental.

Mas não são todos os indígenas que rejeitam os saberes tradicionais dos curandeiros, durante a pandemia do novo corona vírus, muitas pessoas, tanto indígena como não indígena, recorreram aos curandeiros para que fizesse garrafadas de chás para combater o vírus. E os que tomaram de imediato a reação do vírus não foi forte, segundo o senhor

Luís ele teve que consultar os espíritos em suas seções no trabalho com ayauhaska, mas esse segredo ele não quis revelar porque se revelasse ele perderia a confiança que os espíritos (entidades) tem para com ele.

Logo quando começou a ter pessoas infectados com esse vírus aqui na nossa cidade, eu não tive medo não, mas confesso que minha esposa teve porque ela também testou

positivo para covid-19, ela começou com uma simples gripe, febre depois veio a tosse e depois muita falta de ar, foi aí que comecei a fazer garrafadas de folhas de jambu, gengibre, limão, alho e coirama, depois fiz o chá do cipó ayauaska, consultei o espírito a qual tenho contato nas minhas orações, para que assim pudesse me passar o modo certo que seria ingerido o chá e depois dei logo para ela, e logo depois de 2 dias ela ficou curada (Curandeiro Luís).

Segundo Lévi-Strauss, a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do doente que ele cura, ou a da vítima que eles perseguem, no poder do próprio feiticeiro, finalmente a confiança e as exigências da opinião coletiva, que forma a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do que se define as relações entre o feiticeiro e aquele que se enfeitiça (LÉVI-STRAUSS, 1970, P.184). Esses conjuntos de fatores explicaria a eficácia que emerge as ações curadoras a fé e convicção do doente que está necessitando da cura.

“Antes da pandemia um senhor chamado Loiola passava aqui pela frente de casa e ficava me insultando quando eu estava na varanda, e dizia que o feitiço que eu fazia iria se voltar para mim, eu só observava e pensava porque esse senhor tem tanta raiva de mim, pois eu nunca fiz nada que viesse a prejudicá-lo. Mas, em março desse ano, ele me procurou chorando, pois seu filho estava muito doente e estava suplicando para que o ajudasse fazendo algum remédio, para que assim o filho ficasse bom, e que ganharia uma ótima recompensa, mas eu não aceitei só para ele ver que todos nós sempre precisamos de uma outra pessoa”. (Curandeiro Luís).

Ainda para Lévi-Strauss, o feiticeiro não se torna grande por curar seus doentes, mais sim só cura os doentes por ter se tornado um grande feiticeiro, o que mostra que a relação do indivíduo com o grupo e suas exigências é o que o faz eficaz ou ineficaz como feiticeiro. Podendo desconstruir ou reconstruir de acordo com o consenso social (LÉVISTRAUSS, 1970, p .198).

Em todo esse processo existem duas maneiras para se tornar um agente de saúde, primeiro quando o indivíduo já nasce com o dom de trabalhar com as plantas medicinais no processo da cura e o segundo é quando vai adquirindo conhecimento no decorrer do tempo passada por outras pessoas.

2.4 . Funções de cada planta

Os curandeiros da comunidade Bom Jardim são bastantes úteis para os indígenas Kokama e para outros indígenas, como é o caso dos indígenas Tikuna e também para os não indígenas, pois não são somente os Kokama do próprio local que procuram atendimentos, como também de outras comunidades que vão à procura de atendimento com os curandeiros.

A função de cada planta é uma importante atividade terapêutica, a qual permite a autossuficiência da comunidade como também de quem necessita de ajuda, segundo os meus interlocutores curandeiros, eles nunca negaram ajudar outras pessoas que estão necessitando, pois todos têm o atendimento da mesma forma, tanto os indígenas como não indígenas.

Para a curandeira dona Wilsa, de 65 anos: Como se pôde perceber, a coirama, também conhecida como folha do pirarucu, serve para várias doenças, o conhecimento científico que o curandeiro tem com as plantas medicinais se dá à partir de conhecimento concreto de aprendizagem.



Figura 3 - Gengibre (mangarataia). Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Gengibre serve para a tosse, lave bem as batatas, em seguida machuque bem, coloque em uma panela 2 copos de açúcar, 1 dente de alho e o gengibre e leve ao fogo até obter o mel, e quando estiver pronto, coloque em um recipiente para esfriar para o consumo” (Dona Silda, Comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 4 – Tapeba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Tapeba serve para inchaço, coloque no lugar onde está inchado, deixe a folha até que fique murcha” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 5 – Malva. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Malva serve para febre, lave bem as folhas e em seguida coloque em um recipiente logo em seguida machuque bem as folhas até que solte o líquido grosso, em seguida deixe escorrer o sumo em uma peneira, logo em seguida dar para a pessoa beber” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 6 – Hostiga. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Hostiga serve para dores no corpo, tira um pezinho e logo em seguida bater seguidamente no corpo onde dói, até fica adormecido, é uma forma de anestesia ou calmante” (Dona Silda, comunidade, Bom Jardim, 2019).



Figura 7 – Arruda. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Arruda serve para dor de estômago, coloque as folhas em água morna e ingerir ainda morno, para que assim possa fazer efeito mais rápido” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 8 - Coirama (folha grossa ou de pirarucu). Fonte: Simone Cavalcante.

“Coirama serve para tosse, tira a folha lava e machuque para poder tirar o sumo, e em seguida ingerir uma colher a cada 3 horas. Serve também para conjuntivite, lave bem a folha e leve até o fogo até murchar e assim que esfriar, esfregue com a mão e coloque o líquido no olho e deixe descansar por algum tempo até parar de doer, porque quando está bastante inflamado a dor é insuportável, mas é muito bom, só basta fazer 3 vezes durante o dia” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 9 - Pobre velho. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Pobre velho serve para doença de próstata, lave bem as folhas e em seguida, leve ao fogo juntamente com as folhas da quebra pedra, com água e deixe cozinhar por 20 a 25 minutos, para se obter o chá e deixe esfriar, depois coloque na garrafa pet e deixe na geladeira e tem que ingerir no lugar de água durante alguns dias” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 10 – Andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019



Figura 11 - Castanha andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Castanha da andiroba, modo de preparação, coloque as castanhas em uma panela e deixe cozinhar por 2 a 3 horas, em seguida coloca para escorrer o restante da água e deixe armazenado por 4 dias, em seguida retira as cascas das castanhas e coloque em um recipiente (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 12 - Colhimento do óleo da andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Para obter o óleo tem que machucar a massa todo dia pela manhã e pela noite, conforme o óleo for escorrendo é colocado em uma garrafa pet p armazenamento” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 13 - Óleo da andiroba. **Fonte:** Simone Cavalcante, 2019

“Serve para coceira, ferida, tosse etc...” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 13 - Sabão feito com a massa da andiroba. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Serve como produto de limpeza como lavar vasilhas e roupas, modo de preparo, coloque 1 quilo de massa da andiroba, 1 litro de óleo soja já usado, ou gordura de boi, 1 detergente, e 1 copo de soda caustica, em seguida coloque tudo em uma panela juntamente com 2 litros de água e deixe ferver por algum tempo até que engrosse o produto, tire e deixe esfriar, quando ainda estiver morno coloque em algum depósito para que fique em forma de quadrado, e está pronto para o uso, é usando principalmente para higiene corporal e serve para coceira e alergia” (Dona Silda, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 14 - Pião Roxo. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Pião roxo serve para banho, para tirar o mal olhado, lave as folhas e em seguida com as próprias mãos machuque as folhas e coloque em um recipiente com água e leve para fora de casa no banho serenado, no dia seguinte, bem cedo faz o banho, mas somente na parte do pescoço para baixo, não se pode na parte da cabeça porque o cabelo cai bastante” (Curandeira dona Wilsa, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 15 – Mucuracá. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Mucuracá serve para fazer banho, lave bem as folhas e em seguida coloque em um recipiente com água e esfregue até migalhar bem as folhas e leve para fora de casa, para que fique no sereno da noite”. (Curandeira dona Wilsa, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 16 - Quebra-Pedra. Fonte: Simone Cavalcante, 2019.

“Quebra pedra serve para dor de urina, lave bem as folhas, coloque em uma panela juntamente com água e leve ao fogo e deixe cozinhar por 30 minutos, deixe esfriar e coloque em uma garrafa pet e depois coloque na geladeira para o consumo, mas tem que ser ingerido no lugar de água”. (Curandeira dona Wilsa, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 17 – Vassourinha. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Serve para colocar em cima do local do corpo que está lecionado com vermelha, lave bem as folhas e em seguida coloque em um recipiente e machuque as folhas até que fique totalmente amassada e logo em seguida coloque no local do corpo desejado, a folha puxará a quentura. Serve também para o rezador rezar crianças que estão com quebrante, pessoas doentes como mal olhado, dor de cabeça, etc”. (Curandeira dona Wilsa, comunidade Bom Jardim, 2019).



Figura 18 – Cravo. Fonte: Simone Cavalcante, 2019

“Serve para fazer banho serenado, retire as folhas em seguida lave e coloque em uma vasilha com água logo em seguida esfregue e deixe pegar o sereno da noite, pela manhã logo cedo, molhe a cabeça da pessoa, serve tanto para crianças como para adultos quando estão resfriados, com dor de cabeça e febre”. (Curandeira dona Wilsa, comunidade Bom Jardim, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações concluídas, vistas do ponto de vista dos próprios interlocutores kokama, faz parte de uma identidade cultural, e que com o passar dos tempos muitos ainda utilizam as plantas medicinais, e os que não tem muito conhecimento de como é o preparo, recorrem aos curandeiros para que assim venham ter o resultado da melhora, ou seja a cura de algumas enfermidades.

De outra maneira não basta somente recorrer aos curandeiros, segundo meus interlocutores a pessoa antes de tudo tem que ter fé em Deus primeiramente e depois nos remédios preparados com as plantas, como percebe-se os curandeiros não são bem vistos por alguns moradores da comunidade, mas não é somente na comunidade que percebemos essa visão negativa sobre eles e seu trabalho, isso ocorre em outros lugares também, sempre haverá críticas por algumas pessoas.

Toda a preocupação em não ser mal vistos pela sociedade, porque são muito importantes esses saberes em trabalhar com plantas, a mídia por exemplo, é um meio pelo qual pode transmitir imagem boa, e que pode ser bem vista pela sociedade, pois a internet como um campo de atuação, é onde se encontram opiniões públicas, criando uma imagem muitas vezes agradável para umas pessoas e não agradável para outras, o que torna tal campo um lugar propício para pesquisa futura em relação as atuações sociais. Toda essa preocupação explica as rejeições pelos relatos de algumas pessoas, a qual de muitos não descrevi pelo fato de não permitirem durante minha ida a campo.

Com base nessas perspectivas, de forma geral, o conhecimento que os curandeiros kokama possuem são de suma importância para muitas pessoas, pois o trabalho feito com as plantas medicinais faz com que a cultura desses indígenas siga dando continuidade, como é o caso do cipó ayuhaska, que já curou até pessoas que estavam desenganadas pelos médicos, sendo também um campo onde se observa ações sociais. Por ser uma necessidade, os laços sociais possuem uma grande importância para eles

Além disso, outro fator que se nota no campo do trabalho, é que esses curandeiros possuem uma relação de interdependência entre indígenas e não indígenas entre eles mesmos, tal relação se dá pela necessidade e ajuda mútua entre eles. Essa inter-relação se dá por meios das plantas.

REFERÊNCIAS

- AGÜERO, Oscar A. A. **El milênio en la Amazonía: Mito-utopía tupí-cocama, o la subversión del orden simbólico**. Quito: Abya-Yala, p.48.1994.
- CUNHA, M. C. Da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, pp: 231 a 251. 2009.
- HELMAN, C.G. *Cultura, saúde & doença*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- JUSTAMAND, Michel. *Neoliberalismo: a máscara atual do capital*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- JUSTAMAND, **RESPEITANDO O OUTRO, conversando com o outro**, Samanlu, ano 15, n. 2, jul./2015.
- LAPLANTINE, F. **Antropologia da Doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1970). **A ciência do concreto**. Em **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 19-55.
- LUNA, Luis Eduardo. **Narrativas da Alteridade: a ayahuasca e o motivo de transformação em animal**. In: LABATE, Beatriz Caiuby & GOULART, Sandra Lucia (orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras, pp: 334 a 339. 2005.
- MALINOWISK, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação**. In: *Ethnologia* n.6-8, p. 18-38.1997.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo. EDUSP, 1974.
- RABELO, M.C. **“Religião, ritual e cura”**. In: ALVES, P.C.; MINAYO, M.C.S. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, P. 316. 1994.
- ROHA, na Luiza Carvalho da ECKERT. **Cornélia. Etnografia: saberes e práticas**. In: **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Org.: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1970). **A ciência do concreto**. Em **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 19-55.
- VIEIRA, José Maria Trajano Vieira, **A luta pelo reconhecimento étnico dos kokama na tríplie fronteira Brasil/Colômbia/Peru** p. 214 a 245, Campinas 2016.
- ZALUAR, Alba. Cap.I- **“O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva**. In: **“A máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza”**. pp.9- 32. Ed.: Brasiliense, São Paulo, 1985.